

EMELINA, A LOUCA DE *VENTOS DO APOCALIPSE*: UMA PERSONAGEM QUE DESAFIA E TRANSFORMA O LEITOR

Ianá Souza Pereira (IP/USP)

Resumo: O artigo pretende discutir a personagem Emelina, do romance *Ventos do apocalipse*, da moçambicana Paulina Chiziane. A personagem é uma mulher que enfrenta os horrores da guerra e a opressão da ordem machista de sua aldeia. É apresentada ao leitor como uma personagem que sonega informações sobre seu estado de alma; não sabemos ao certo a que atribuir sua tristeza e sua melancolia – sabemos apenas que os aldeões a consideram louca, e também que muito desse seu estado de espírito está associado à guerra e à sua condição de mulher no grupo de refugiados. Emelina é uma personagem que oscila entre a tristeza e a alegria, entre a lucidez e a loucura, apresentando sempre a fluidez de sua identidade social. Sua caracterização diz muito mais dos medos e das ansiedades de uma mulher do que da guerra em si. Diz também das possibilidades e impossibilidades da felicidade e do sofrimento para as mulheres num espaço em que impera o abuso do poder arbitrário e absoluto dos homens.

Palavras-chave: Ventos do apocalipse; Felicidade; Sofrimento; Loucura.

Abstract: This article intends to discuss the character Emelina from the novel *Ventos do apocalipse* by the Mozambican Paulina Chiziane: a woman who faces the horrors of war and the oppression of the sexist order of her village. Emelina is a character who oscillates between sadness and madness, always presenting the fluidity of her social identity. His characterization tells much more of a woman's fears and anxieties than of the war itself. It also tells us about the possibilities and impossibilities of happiness and suffering for women in a space where the abuse of the arbitrary and absolute power of men prevails.

Keywords: Ventos do Apocalipse; Happiness; Suffering; Madnes.

Emelina é uma personagem que só aparece na segunda parte do romance *Ventos do apocalipse* (1999),

da moçambicana Paulina Chiziane. É uma personagem enigmática, que carrega no olhar uma “angústia que alimenta-se de solidão e silêncio” (p.237). É alguém que passou por abismos e fissuras profundas, na vivência que teve do mundo, que modificaram-lhe a existência. Retiraram-lhe muito da sua alegria de viver, imprimindo-lhe o estigma da loucura. É uma mulher que não se enquadra aos padrões estabelecidos para as mulheres de sua aldeia, inscrevendo-se na categoria das condutas anormais com o seu comportamento desviante, não se mostrando disposta a aceitar os valores impostos às mulheres do seu grupo social; valores que limitam as possibilidades de felicidade e que infligem sofrimentos àqueles que nascem com o sexo feminino. A personagem sonega informações sobre seu estado de alma, não sabemos ao certo a que atribuir sua tristeza; sabemos apenas que “a comunidade inteira trata Emelina com um desprezo total” (p.238), e que a consideram louca. Sabemos ainda que muito desse seu estado de espírito está associado ao sofrimento de ser abandonada pelo amante e à sua condição de mulher em um contexto de guerra. É apresentada ao leitor com “o rosto mais tenso do que um punho cerrado de raiva”, com “olhos rubros que são um dique reprimindo o rio fundo com ameaças de desabar”, e um “peito em que há um abutre escondido que lhe suga o ânimo” (p.237).

É, portanto, uma personagem contraditória, pois surge como vítima e como algoz: como todos os aldeões do grupo de refugiados de guerra, Emelina sofre os efeitos funestos dessa guerra, foi raptada e estuprada nela, mas traiu sua comunidade, mostrando ao inimigo os caminhos para a aldeia do Monte, que foi, então, destruída. Ela também assassinou os próprios filhos para viver com o amante, que depois lhe abandonou. Assim, a personagem, profundamente hermética, constituiu-se a partir de uma paradoxal complexidade, que se revela nas suas próprias palavras, intenções e ações que ao longo da narrativa vão caracterizando-a. Converge, portanto, com o que, na técnica de caracterização, Antonio Candido (2009), em sua análise da personagem do romance, chamou de “visão fragmentária” do homem em relação aos outros seres. Para ele, o homem elabora o conhecimento de seus semelhantes de maneira “insatisfatória, incompleta (...) imanente à nossa própria experiência” (p.58), nunca abrangendo a totalidade do ser, sendo este inatingível de maneira completa. Portanto, para este estudioso, a personagem encerraria a “noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser” (p.59). É dessa maneira que apreendemos esta personagem em *Ventos*.

No romance, a caracterização de Emelina acontece nestes termos, o leitor vai receber informações sobre a personagem

apenas na metade do capítulo 21 da segunda parte do livro. Ela aparece em meio a um grupo de mulheres, recusando-se a entregar o filho, que carrega amarrado às costas, para que seja pesado pela enfermeira Dalila. Ali o leitor tem a impressão de estar diante de alguém acuado, indefeso e assustado:

O grupo de mulheres entrega os bebês para avaliação mas Emelina recusa-se e ninguém entende porquê. Está muda. Isola-se num canto, temerosa. Lê-se no seu rosto o receio de qualquer coisa misteriosa. Dalila observa-a. Está triste, está só, a angústia alimenta-se de solidão e silêncio. Está de pé, hirta como uma estaca seca semeada no chão, com o rosto mais tenso do que um punho cerrado de raiva. Os olhos rubros são um dique reprimindo o rio fundo com ameaças de desabar. No seu peito há um abutre escondido que lhe suga o ânimo. Os olhos chamejam, faíscam, parece doida mas não, doida não deve ser, está apenas tonta. O ponteiro da cabeça deve ter virado para o lado esquerdo perdendo o balanço com o detonar das bombas. A guerra deve tê-la traumatizado a fundo. (CHIZIANE, 1999, p.244)

É pelo mistério que o leitor se aproxima da personagem. Pode-se dizer que o estado de alma da personagem se desenha através do conjunto de sentimentos atribuídos a ela pelo narrador. Temos no excerto acima, uma Emelina

temerosa, isolada do grupo, receosa, triste, angustiada, tensa. Quase um animal acuado diante de um ambiente que o ameaça. Contudo, não é apenas o lado melancólico da personagem que pode ser vislumbrado acima, ali também temos mostras do lado sombrio que ela possui, sinalizado pelo “abutre escondido” no seu peito e pelos “olhos que faíscam e soltam chamas”. No plano da técnica de caracterização, essa personagem é colocada aos olhos do leitor sempre de maneira fragmentária, incompleta e insuficiente, para que o mesmo complete a sua caracterização em sua mente a partir da interpretação de gestos, de frases, de atitudes e de fatos que envolvem a personagem. Mas tem-se, logo em seguida, um resumo sobre ela: é a mulher que matou os filhos para viver com o amante. Será esta a informação fundamental para conhecer a personagem?

O leitor julgará. Entretanto, podemos afirmar que, da leitura de *Ventos do Apocalipse*, Emelina é, sem sombra de dúvidas, a personagem que mais intriga o leitor. Há nela qualquer coisa que faz o leitor se aproximar, por certa empatia que sente pela personagem e, ao mesmo tempo, se afastar, por uma espécie de repulsa pelo seu lado sombrio. O leitor se comove com o seu drama e também se aterroriza com as suas ações de matança, vingança e destruição. Um

dos dados que leva o leitor a essa comoção é exatamente a sua história trágica de capturada e estuprada durante a guerra. E também o seu sofrimento de ter sido abandonada grávida pelo amante.

Emelina atormenta-se com a angústia de ter matado os próprios filhos, sofre quando é abandonada pelo amante pelo qual matou seus três filhos, padece quando capturada durante a guerra “ainda com o bebê dentro da barriga” (p.249). Contudo, algumas vezes, aparece apenas como uma mulher que perdeu a cabeça por amor e se permitiu “voar nas frágeis asas da paixão” (p.250). A personagem oscila entre o amor e o ódio desmedidos, revelando-lhe aos poucos na narrativa, com suas ambigüidades. Sua caracterização diz muito mais da transgressão das normas sociais de uma mulher que vive em uma aldeia de padrões rígidos de comportamento para as mulheres, do que da sua condição de refugiada de guerra. Sua representação é a de uma mulher insatisfeita com as condições materiais de sua existência. Ela pouco ou nada se identifica com os aldeões, estando sempre à deriva. Ela foi incapaz de dar conta de tudo aquilo que estava relacionado à sua submissão a um convívio social que impedia o afloramento da sua sexualidade, e também de sua própria agressividade. Sua loucura, portanto, é a maneira

que encontrou para recusar a realidade absurda de uma guerra que ela não considera como sua, e acaba por oferecer um espaço privilegiado para realizar seus desejos, deliciar-se com seus prazeres e viver a própria sexualidade.

O narrador parece ver a loucura de Emelina como um desvio social em relação aos outros habitantes da aldeia, seu comportamento não é confirmado pela comunidade de que faz parte, para eles, ela é essencialmente um caso de inadaptação. Porém, o leitor mais atento é capaz de perceber que este seu estado de loucura está relacionado a impessoalidade das relações humanas no grupo, que situa as mulheres muito abaixo dos homens, e também a uma certa indiferença afetiva e isolamento, aos quais ela está sujeita, pelo simples fato de ser diferente, ou comportar-se fora das normas do grupo. Destarte, sua conduta pode também ser vista como resposta a uma ordem social injusta, baseada na dominação-exploração das mulheres. Na aldeia, mulheres recebem tratamento de não sujeitos. Os homens é que mandam (p.94).

Avançando no romance, vamos entendendo que a rotina de invasão e fuga da guerra contribui muito para Emelina sucumbir a este estado de loucura, uma vez que a guerra anula seu propósito de felicidade ao lado do amante e

dificulta sua vida na aldeia, com a única filha que lhe restou. Ela vive no cenário de horror de uma guerra sangrenta¹. Em *Ventos*, Emelina integra o grupo de sobreviventes do ataque da aldeia de Mananga, que fica no interior do país. O romance tem como questão central a sobrevivência do grupo. Os níveis narrativos do romance exploram a realidade histórica e social de Moçambique, ao lado da ficção, nas escolhas e falas das personagens, no enredo, na sua temática, nas imagens da guerra e nas próprias reflexões da narradora sobre o fenômeno da violência desmedida imposta ao aldeão comum pela guerra. É, portanto, um romance indispensável para quem quer entender melhor a história recente de Moçambique.

Mas, voltemos nossa atenção para a louca de *Ventos do Apocalipse*. Emelina vive na aldeia do Monte, onde seus habitantes a constrangem o tempo todo. Lá, ela sente e vive como estranha, é apontada em público como “desmiolada, estranha e esquisita” (p.270) ou como “uma louca tenebrosa e misteriosa” (p.271). Nisso, vemos que sua loucura é agravada pela impossibilidade de integrar-se ao grupo de aldeões. Com eles, sua loucura não pode circular livremente,

1 O romance retrata a “guerra de desestabilização” em Moçambique. O termo “desestabilização” se explica pelo emprego de forças externas a Moçambique (Rodésia, África do Sul e EUA apoiando os guerrilheiros da RENAMO, e URSS e Cuba, o governo da FRELIMO) e pelo método político, que visava impor mudanças na estrutura social, política e econômica do país. Esta foi uma guerra que durou dezesseis anos.

estando ela afastada do padrão socialmente aceito na vida da aldeia. Assim, passa a ser reconhecida como louca porque está fora dos limites da ordem social e moral da aldeia, é isolada do grupo. A própria Emelina experimenta em si mesma uma presença insólita e estranha, que a possui e atormenta ao longo da sua trajetória, revelando, assim, a perda da sua liberdade individual. Não tem permissão para viver como deseja. Para ser o que é.

A liberdade individual não é um patrimônio da cultura, nos diz Freud, em *O mal estar na cultura* (FREUD, 2010, p.94), um texto em que reflete sobre a felicidade. Neste mesmo texto, Freud também anuncia uma contradição entre aquilo que constitui o propósito da felicidade e a real possibilidade dela ser alcançada: a vida social exige de nós sacrifícios que limitam a concretização da felicidade (p.78). Emelina, no momento em que decide matar os filhos para viver com o amante, lança-se ao encontro dessa tal felicidade, mas tem à sua frente a infelicidade de ser traída e abandonada pelo amante. Tudo isso causa-lhe muito sofrimento, pois quando o mundo externo recusa a satisfação de nossas necessidades, caímos em infelicidade, temos sofrimento (FREUD, 2010, p.78). Não sendo a liberdade individual um patrimônio da cultura, no caso das mulheres, essa liberdade fica ainda

mais comprometida pelos impedimentos lançados ao sexo feminino em culturas androcêntricas, como a vida na aldeia representada em *Ventos*.

A vida social da aldeia é um entrave para Emelina, assim como é para todas as mulheres que nela vivem, e que são impedidas, pela cultura e pela tradição, de participação nos espaços de poder. São mulheres que nem mesmo podem decidir seus próprios destinos, pois vivem em um ambiente que reforça o tempo todo o poder masculino e o papel submisso das mulheres.

No espaço da aldeia, as mulheres vivem sob o domínio dos homens. Emelina não vê sentido na vida que elas levam na aldeia. Sente-se como estrangeira no lugar, diferente de todos. Com isso, sofre de certo desencantamento com o mundo. Sua saga de sofrimentos acumulados, a angústia de ter que haver-se consigo mesma, haver-se com a falta dos filhos mortos, resulta em grande sofrimento. O lugar reservado para ela na aldeia, como louca, é o espaço da exclusão. Assim, fica impedida de compartilhar as suas dores. E, nessas condições, torna-se incapacitada para a vida em comunidade. É interdita da experiência de viver relações interpessoais com os aldeões. Com isso, precipita-se em comportamentos destrutivos, despontando a sua

agressividade, que podem ser interpretados como uma reivindicação da dimensão propriamente humana de suas ações, como reação à uma ordem social injusta.

É notável assinalar que Emelina era casada e com filhos, e que a vida social da aldeia não permitia o adultério. Ela traiu o marido e assassinou os filhos. A partir daí, passa a ser vista como louca, pois sua conduta é destoante de todos os valores cultivados pelas pessoas do lugar em que habita. Não há, para os aldeões, tradução para as ações da personagem, restando-lhes apenas recorrer ao estigma da loucura para ela.

O que foi biograficamente vivido pela personagem, e apresentado ao leitor, explicaria muito sobre as origens da sua loucura, que não é anunciada pelo narrador ou vivida pela personagem na narrativa, mas, é apenas mencionada na maneira como ela é vista pelos outros aldeões. Não se trata, portanto, de uma personagem que vive a loucura, mas de alguém que é vista como louca por causa das suas ações.

A loucura em si não tem expressão dentro do texto. Contudo, entendemos que enxergar Emelina como louca, que é a maneira como os aldeões a viam, em certa medida, é deixar de reconhecer sua humanidade. Assim, seus atos tornam-se praticáveis apenas por loucos, isentando, dessa forma, a condição humana de práticas repugnantes e

violentas como as suas. Ou seja, os aldeões, assim como nós (leitores), não reconhecem em nós aquilo que está fora dos valores morais e sociais que cultivamos. A agressividade é, assim, vista como estranha à condição humana.

O assassinato dos filhos por Emelina levanta o protesto do leitor, mas este terá que considerar que a agressividade, mesmo quando direcionada àqueles que supostamente amamos, é uma possibilidade do humano em nós. Deve reconhecer que, como humanos, somos capazes de fazer muito mais do que apenas amar!

Há, portanto, no humano, inúmeras formas de expressão, mesmo em uma única pessoa. No romance, é pelo narrador que o leitor tem acesso às diferentes facetas da personagem: como mãe assassina e também como mãe protetora do bebê que recusa entregar para a enfermeira; como mulher que trai o marido e como mulher abandonada pelo amante; como raptada e estuprada de guerra e também como traidora da aldeia do Monte. Enfim, Emelina é uma personagem que intriga o leitor exatamente pela ambivalência que apresenta. Podendo ser vista e interpretada de inúmeras maneiras.

Em consequência dessa abertura da personagem, ela adquire significado amplo no livro, principalmente em sua função de desmistificar a idealização da mulher no papel

de mãe e de esposa, problematizando a maternidade como atributo máximo da feminilidade e a sacralidade da instituição familiar: ela mata os próprios filhos em troca da liberdade de amar o homem que escolheu, não se curva diante da repressão moral da sua aldeia, que a desmoraliza e despreza. Entretanto, as atitudes destrutivas da personagem, de certa forma, dificulta ao leitor compreender a lógica da relação dela com o seu meio, dada a sua quebra de familiaridade com o meio em que vive e com os aldeões. Ela rejeita o meio e a situação que a cercam, se recusa a compartilhar a vida em aldeia, o que a liberta das preocupações coletivas sobre a guerra, para, assim, se encerrar em sua amargura e em sua dificuldade de habitar o mundo:

Emelina agora chora. A recordação viaja passo à frente, passo atrás, que o presente é pedra morta. O que resta de prazer é uma sucessão de recordações sepultadas. Ela odeia todo o povo da aldeia e jura que se vai vingar mas todos se riem dela, não conseguem imaginar que espécie de vingança pode ser feita por uma louca. (CHIZIANE, 1999, p.252)

A louca de *Ventos do apocalipse* não conta como membro da aldeia, o lugar em que vive não atende à sua necessidade de ser e continuar sendo no mundo, ou seja, não tem sustentado a sua singularidade na ordem social de que faz

parte. A aldeia do Monte, como lugar no mundo de Emelina, torna-se, assim, pobre e vazia, desprovida de valor, incapaz de qualquer realização pessoal para ela. Isto explica a perda de seu interesse pela vida na aldeia, a ponto de encontrar expressão em uma destruição total da mesma, culminando, assim, a expectativa delirante de punição dos membros dela, e também de si mesma, por meio de um fim apocalíptico.

Na aldeia, Emelina não encontra espaço para que seu sofrimento possa vir a ser compartilhado, ali ela não vive o tempo como passagem, sente o futuro como estancado, sem perspectiva de mudança, “seu presente é uma pedra morta” (p.252). Ela perdeu o amor-próprio e deve ter tido boas razões para isso. Quando o teste da realidade revelou-lhe que o amor de seu amante não existia mais, precipitou-se para encontrar com a morte, levando consigo a aldeia inteira.

Percebemos, quando avançamos a leitura, que Emelina encontra-se em um estado confusional, com o psiquismo transtornado, em busca de contornos para si e para o meio que a cerca. Parece mesmo ter perdido o sentido para a sua existência, uma vez que teve interdita a sua maneira de ser e agir, tornando-se a louca da aldeia. Por isso, demonstra estar desapontada com os moradores da aldeia, sentindo-

se incompreendida por eles no sofrimento que vive. As pessoas da aldeia tendem a humilhá-la e a desqualificá-la enquanto membro do grupo, atitude que potencializa a sua raiva em relação a eles. A relação tensa e conflituosa com os membros da aldeia implica na própria ruína de sua existência e subjetividade, pois ela vive um isolamento no qual não consegue estabelecer uma comunicação significativa com ninguém, fugindo sempre de si mesma e da sua condição de participante de uma coletividade. Essa incomunicabilidade imposta a ela, dificulta sua vivência como um ser de relação, que compartilha o mundo com outros seres humanos.

Sua precipitação para a morte, levando consigo a aldeia, parece ser fruto dessa situação que vive com os aldeões. A escolha de morte e destruição de Emelina também pode ser vista como último recurso de alguém que vive na iminência de morrer em meio a uma guerra. Mas ela não é uma personagem fácil de ser compreendida em suas ações. Ela é aquela cuja chave para o entendimento é desconhecida, precisa ser encontrada:

... ela é desmiolada, é estranha, esquisita, é melhor deixá-la no seu mundo. De resto só viria manchar o ambiente. Está esfarrapada e malcheirosa, não se lava desde que chegou ao monte há mais de dez meses, deixai-a em paz, não faz falta aqui. Mas Emelina é uma louca

tenebrosa, misteriosa. Enquanto nós trabalhamos ela dorme. Enquanto nós dormimos ela desperta, vagueia pela rua todas as noites, vai ao matagal e volta, até parece que está a informar os passos da nossa vida a qualquer outra pessoa. A sorte dela reside na loucura porque se assim não fosse, seria bem controlada a obedecer os princípios de segurança e vigilância do povo do Monte. Nós aqui construímos a paz e não permitimos comportamentos estranhos. Mas há qualquer coisa de misterioso nos movimentos de Emelina, é lamentável, devia-se desconfiar, mas aos loucos tudo se perdoa. (CHIZIANE, 1999, p.271)

Isto não diminui em nada a sua importância, como personagem na narrativa, muito pelo contrário, Emelina causa ao leitor de *Ventos do apocalipse* vontade de desvendar os seus mistérios. É pungente o despertar do interesse do leitor por essa personagem, seja como mulher enlouquecida pelo amor ou pelas ambiguidades do seu comportamento. Pouco a pouco, o leitor vai descobrindo que não se trata de uma personagem qualquer da narrativa, mas sim de uma personagem importante no texto. Emelina é uma personagem que representa a exceção ao modelo feminino que insiste em prevalecer no imaginário coletivo: é uma mulher que coloca sua satisfação pessoal em primeiro plano, tem desejo e ambição desmedidos, não se mantém

prisioneira da repressão ético-moral de sua aldeia, abraça apaixonadamente seu desejo e o realiza. Nisso tudo temos a sua importância dentro e fora do texto.

Por isso, ao longo do nosso texto temos defendido a ideia de que a personagem Emelina implica do leitor um certo esforço de decodificação, pois não é uma personagem concluída e óbvia. É preciso compreender que sua diferença tem um valor, especialmente nas inquietações que provoca no leitor do romance. Levando-o à reflexões sobre sua verdade como personagem. Ela é a personagem feminina do romance que reivindica e insiste no direito de ser vista e ouvida por todos. Luta até o final da narrativa para estar presente. Não é, pois, uma personagem que aparece para ser punida e banida pela conduta imprópria. É uma personagem feita para dizer, mas para chegar a sua mensagem é necessário a retirada de muitas camadas que encobrem a sensibilidade que traz para a narrativa de *Ventos*. Assim, no romance, Emelina é abismo para o leitor!

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio (2009). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- CHIZIANE, Paulina (1999). *Ventos do apocalipse*. Lisboa: Caminho.
- FOUCAULT, Michel (2012). *História da loucura: na idade clássica*. José Teixeira Coelho (Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- FRAYZE-PEREIRA, João (2008). *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense.

FREUD, Sigmund (2010). *O mal-estar na civilização e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ianá Souza Pereira é Psicóloga. Mestre em Literatura Comparada (FFLCH/USP) e Doutoranda em Psicologia (IP/USP). Bolsista CAPES.

Recebido em 28 de outubro de 2017.

Aprovado em 24 de janeiro de 2018.